

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O Trilho do Gato – William A. Wellman

14 e 25 de Novembro de 2025

Love Is a Racket / 1932

um filme de **William A. Wellman**

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Courtney Terrett, baseado num romance de Rian James (1931) *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco, 1,1,37): Sid Hickox *Montagem:* William Holmes *Direcção Artística:* Jack Okey *Intérpretes:* Douglas Fairbanks, Jr. (Jimmy Russell), Ann Dvorak (Sally Condon), Frances Dee (Mary), Lee Tracy (Stanley Fiske), Frances Dee (Mary Wodehouse), Lyle Talbot (Shaw), Warren Hymer (Burney Olds), Andre Luquet (Max Boncourt), Terrence Ray (Seeley), Marjorie Peterson (rapariga do chapéu), Edward Kane (*maitre d'hotel*), Cecil Cunningham (Tia Hattie), John Marston (Curley), Charles O'Malley (Perkins), Lilian Worth (Tiny), Miss Terry (rapariga com bom aspecto), Gipsy Norman (manicure), George Ernest (rapaz), Frank McHugh (homem no bar).

Produção: First National-Vitaphone (EUA, 1932) *Produtor:* Hal B. Wallis *Produtor executivo:* Darryl F. Zanuck *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, versão original em inglês legendada electronicamente em português *Duração:* 71 minutos *Estreia:* 10 de Junho de 1932, Strand, Nova Iorque *Inédito Comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca:* 25 de Outubro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Nota

A "folha" de Manuel Cintra Ferreira, originalmente escrita em 1993, foi revista e editada nesta ocasião. A referência do último parágrafo à participação-não participação de George Raft neste filme é secundada pela ficha técnica acima, revista segundo a filmografia publicada em *Wild Bill Wellman Hollywood Rebel* (William Wellman, Jr., 2015) e na qual o actor não consta.

Neste curioso e divertido **Love is a Racket**, William A. Wellman afia as "garras" para duas das mais saborosas investidas no jornalismo de sensação: **Nothing Sacred** e **Roxie Hart**. Como estas, também **Love is a Racket** é uma comédia "negra" (mas, pergunta Frank T. Thompson no seu livro sobre Wellman: "fez Wellman algumas de outro género?") explorando o tratamento empolado que certos repórteres dão às notícias, mais para vender papel do que para cumprir a "missão" de informar o leitor. Deste ponto de vista, o filme insere-se numa série de outros que então denunciavam este tipo de imprensa, em especial, o famoso **Five Star Final** (Mervyn LeRoy, 1931), mas não tem ainda a agressividade venenosa de **Nothing Sacred** nem a subversão moral de **Roxie Hart** (talvez um dos mais delirantes filmes que se fizeram no género). Como estes, no entanto, destaca menos a caça à notícia (como **The Power of the Press** de Frank Capra, com o mesmo Douglas Fairbanks Jr., ou as várias versões de **Front Page**) do que a manipulação ou os efeitos dos mexericos e da "má-língua" das colunas de bisbilhotices. E não deixa de ser curioso que tal filme venha pouco depois de **The Public Enemy**, em que Wellman (e Darryl F. Zanuck, como produtor) "desafiaram" a influência de Louella Parsons, famosa "bisbilhoteira" de Hollywood (ao lado da sua "rival" Hedda Hopper) ao substituir o genro desta, Edward Woods, no papel de Tom Powers.

Como aqueles lendários nomes do jornalismo de sensação de Hollywood, também Jimmy (Douglas Fairbanks Jr.) tem uma coluna de mexericos num jornal nova-iorquino. O seu campo é o mundo do teatro e intitula-se "Up and Down Broadway", e nela procura denunciar a actividade de um *gang* de

jogo. A intriga não é mais do que mera rotina dentro deste gênero. O que o distingue de filmes semelhantes são menos as peripécias do que a relação entre os personagens. E, neste ponto, particularmente as relações de Jimmy e Stanley (Lee Tracy) e entre o primeiro e Mary (Ann Dvorak). No primeiro caso, os laços de amizade que os ligam retomam uma relação frequente nos filmes de Wellman, mais destacada em **Wings** (Charles "Buddy" Rogers e Richard Arlen), em **Other Men's Women** (Grant Withers e Regis Toomey) e **The Public Enemy** (James Cagney e Edward Woods), para ter em conta apenas filmes anteriores a **Love is a Racket**. No segundo, é aquele tipo de relação em que a mulher se encontra ao mesmo nível do homem, que no cinema de Wellman tem características mais fortes do que nos realizadores com que ele tem mais afinidades, John Ford, Howard Hawks e Raoul Walsh. Duas cenas são características: a entrada de Mary no quarto de Jimmy, ao começo, e a belíssima cena final. Na primeira, a entrada de Mary faz-se praticamente da mesma forma que a de Stanley, em território comumente partilhado e à luta da almofada responde o irrisistível banho de pijama de Stanley. Mas, ao contrário de outros filmes tratando de triângulos como este, não há qualquer equivalência erótica nem ambiguidade sexual. Esse tipo de referências é estranho ao cinema de Wellman. Na segunda, a imagem dos três abraçados e caminhando juntos (uma das poucas situações "felizes" nos filmes de Wellman em que geralmente um triângulo termina com a perda de um dos membros) evoca a sólida amizade que os une e lembra o belíssimo final dos **Three Comrades**, sem a componente fantasmagórica do filme de Borzage.

Mas onde mais se evidencia a "mão" de Wellman, neste filme curioso, mas menor por comparação com outras das suas obras, é nas *trouvailles* da encenação e num certo picaresco em tons fortes. As constantes "brincadeiras" com fósforos de Warren Hymer (um característico secundário dos anos 1930, nosso conhecido de inúmeros filmes) nos pés de Jimmy, e que acabam por se virar contra si (numa das quais Jimmy aproveita para o neutralizar e evadir-se), é típico do humor "contudente" de Wellman (lembramos as cabeçadas do filho, William Wellman Jr., no tecto da caserna em **Lafayette Escadrille**). E, por outro lado, temos toda a sequência da destruição das provas do assassinato do *gangster* Shaw, com Jimmy transformando o crime num acidente, tudo testemunhado por Stan.

Não sendo dos filmes mais interessantes de Wellman (e não é pelas inverosimilhanças do argumento, pois delas estão cheias algumas das suas obras-primas), **Love is a Racket** é, apesar de tudo uma comédia bastante curiosa cuja visão se justifica pelo que anuncia dos já referidos **Nothing Sacred** e **Roxie Hart**.

A título de curiosidade: algumas fichas técnicas dão como presente no elenco o nome de George Raft. Dou um doce a quem o descobrir. Eu não consegui. Mas a da contemporânea *Variety* é omissa no seu nome. Logo os meus olhos não me devem ter enganado.

Manuel Cintra Ferreira